

A POESIA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER NA DITATURA SALAZARISTA: UMA LEITURA A PARTIR DA ECOCRÍTICA

THE POETRY OF SOPHIA DE MELLO BREYNER
DURING THE SALAZAR DICTATORSHIP: A READING
FROM ECOCRITICISM

Marta Botelho Lira (UFPR)
0000-0001-6404-5476



Marcelo Fernando de Lima (UTFPR)
0000-0003-2206-1472



Como citar: LIRA, M. B., LIMA, M. F. de. A poesia de Sophia de Mello Breyner na ditadura salazarista: uma leitura a partir da Ecocrítica. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli | v. 14, n. 1, p. 135-152, jan.-abr. 2025.

doi: 10.47295/mren.v14i1.1688
recebido em 29/04/2024 – aprovado em 20/02/2025



Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen sob uma perspectiva ecocrítica, propondo uma leitura de sua obra no contexto da ditadura salazarista em Portugal. Na obra de Andresen, a ecocrítica não apenas destaca a relação entre o ser humano e o ambiente, mas serve como crítica ao regime autoritário de Salazar. Ela evidencia como as questões ecológicas estão conectadas às liberdades individuais e coletivas, um tema que é destacado na visão de poesia da própria autora. Para Andresen, a poesia vai além de programas estéticos: ela atua na conscientização sobre a liberdade e a dignidade humana. A análise teórica do artigo é construída sobre bases transdisciplinares, incorporando teorias de Félix Guattari (2012) sobre a interdependência das ecologias social, psíquica e ambiental, bem como as ideias de Leonardo Boff (2015). O autor argumenta que a conscientização ecológica pode ser um instrumento de resistência contra opressões sistêmicas, como as enfrentadas durante o Salazarismo. O estudo foca em textos selecionados da coletânea *Coral e outros poemas* (2015), explorando como eles refletem essas interseções entre ecologia, liberdade e resistência.

Palavras-chave: Ditadura de Salazar. Autoritarismo. Ecologia. Literatura. Poesia portuguesa.

Abstract

The aim of this article is to analyze the poetry of Sophia de Mello Breyner Andresen from an ecocritical perspective, proposing an interpretation of her work within the context of the Salazarist dictatorship in Portugal. In Andresen's work, ecocriticism not only highlights the relationship between human beings and the environment but also serves as a critique of Salazar's authoritarian regime. It underscores how ecological issues are intertwined with individual and collective freedoms, a theme that is prominent in the author's poetic vision. For Andresen, poetry transcends aesthetic programs: it acts as a means of raising awareness about freedom and human dignity. The theoretical analysis of the article is built on transdisciplinary foundations, incorporating Félix Guattari's (2012) theories on the interdependence of social, psychic, and environmental ecologies, as well as the ideas of Leonardo Boff (2015). The writer argues that ecological awareness can be a tool of resistance against systemic oppressions, such as those faced during Salazarism. The study focuses on selected texts from the collection "Coral e outros poemas" (2015), exploring how they reflect these intersections between ecology, freedom, and resistance.

Keywords Salazarist dictatorship. Ecology. Literature. poetry.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma leitura da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen a partir da perspectiva ecocrítica, explorando como essa abordagem se estabelece como um discurso de resistência contra a ditadura salazarista em Portugal na obra da autora. A escritora, nascida em 6 de novembro de 1919 no Porto e falecida em 2004 em Lisboa, foi figura central na literatura portuguesa e teve presença ativa contra o regime do Estado Novo (1933-1974), que teve à frente o ditador António Salazar. Seu engajamento político e sua poesia estão interligados, refletindo sua luta por justiça e liberdade através da interação com o mundo natural e a realidade social de seu tempo.

A ecocrítica, definida por Greg Garrard (2006) como uma análise eminentemente política que vincula preocupações culturais a um projeto ecológico, oferece uma perspectiva através da qual podemos entender a poesia de Sophia de Mello não apenas como arte, mas como um ato de resistência. Este campo, ao interligar literatura, ecologia e estudos socioculturais, permite uma exploração de como a natureza é representada e como essas representações se relacionam com questões de poder e opressão.

Para Greg Garrard (2006), a ecocrítica compartilha afinidades conceituais e metodológicas com o marxismo e o feminismo, sobretudo quanto à percepção das estruturas sociais de opressão e exploração. Dessa forma, a ecocrítica procura entender como são construídas as ideologias que agem sobre meio ambiente, mas também mostra um compromisso para mudar essas condições. Trata-se de uma crítica que se volta contra a exploração capitalista de uma forma geral.

Embora a ecocrítica tenha ganhado espaço no campo da análise literária e cultural apenas nas últimas três décadas, com sua presença no ambiente acadêmico norte-americano, a defesa de temas relacionados a questões ecológicas pode ser observada em diversas obras literárias e momentos históricos anteriores. No caso de Sophia de Mello, essa presença está ligada à sua forma de luta contra o salazarismo e também em relação à construção de uma visão de mundo em que a natureza tem uma posição relevante. Sua poesia apresenta a natureza como entidade viva e autônoma, repleta de significado e valor intrínseco. Sua obra reflete um ethos ecológico que rejeita a visão antropocêntrica e promove a harmonia entre ser humano e meio ambiente. Sua poesia pode ser lida como um chamado à consciência ambiental e à valorização da interdependência entre humanidade e natureza.

Além disso, a poeta, ao longo de sua vida, utilizou sua poesia para expressar e denunciar as injustiças cometidas pelo regime de Salazar, capturando o espírito de resistência da época. A análise de seus poemas, especialmente os reunidos na coletânea *Coral e outros poemas* (2015), revela como a autora percebia a relação entre humanos e o ambiente natural como fundamental para a compreensão da liberdade e da dignidade humana. Em sua visão, o poeta, mesmo isolado, influencia a vida e o destino dos outros através de obras que refletem rigor, verdade e consciência.

O trabalho está organizado em duas partes. Na primeira, fazemos um panorama do período do regime salazarista e suas consequências para as liberdades individuais e coletivas em Portugal. Para tanto, nos baseamos em diversos historiadores que estudaram o período, em especial Fernando Rosas (2018). Na segunda parte do artigo, estudamos a poética da autora portuguesa e sua relação com a ecocrítica.

PORTUGAL: DA EXPANSÃO À DITADURA

A história de Portugal, do ponto de vista de seu papel econômico no mundo moderno, é marcada por contrastes entre períodos de expansão vigorosa e fases de declínio. O país foi um dos pioneiros na formação de um estado-nação na Europa e se destacou nos séculos XV e XVI por seu caráter expansionista, desempenhando um papel de liderança na exploração da economia global, com uma violenta postura colonialista. Essas atividades não apenas impulsionaram o comércio de produtos como o açúcar e o ouro, mas também solidificaram práticas de tráfico humano, por meio da escravização.

Apesar dos momentos de expansão econômica, como a recuperação da soberania após o domínio espanhol em 1640 e os avanços comerciais sob a administração de D. João V no século XVIII, Portugal enfrentou desafios internos e externos que culminaram em uma dependência crescente de potências estrangeiras. A inquisição e a resistência à modernização mantiveram o país em um estado de relativa estagnação, enquanto outras nações europeias avançavam em direção ao Iluminismo, conforme relata o historiador Kenneth Maxwell (2006).

A instabilidade política do século XIX e o início do XX levou a uma sucessão de regimes frágeis, culminando no golpe militar de 1926. Em 1930, emergiu do cenário político o líder de extrema direita António de Oliveira Salazar, inicialmente como ministro das Finanças e depois como presidente do Conselho de Ministros a partir de 1932. Ele instaurou o Estado Novo, um regime inspirado no fascismo que permaneceu até 1974, marcado por uma rígida doutrina antidemocrática, antiparlamentar e antiliberal.

Salazar consolidou um poder autoritário que suprimiu a oposição por meio de uma polícia política – a assaz violenta PIDE – e um controle rígido sobre a circulação de informações no país. O regime apoiava-se numa elite conservadora e numa economia que desencorajava a industrialização, mantendo estruturas econômicas e sociais arcaicas. Isso resultou em uma população com baixos salários, alto índice de analfabetismo e uma emigração massiva de jovens à procura de melhores condições de vida no estrangeiro (Maxwell, 2006).

Em 1968, Salazar entra em coma depois de ter caído de uma espreguiçadeira. Ele sofreu também trombose cerebral, morrendo em 1970. Seu lugar foi ocupado pelo ministro Marcello Caetano, que promoveu reformas econômicas com muita cautela. Nesse período, Portugal enfrentou uma crise de falta de alimentos. O país não tinha mão de obra, pois muitos haviam emigrado. Entre 1960 a 1971, cerca de 900 mil portugueses deixaram o país, a maioria entre 18 e 25 anos. Em 1975, por volta de 1,5 milhão de portugueses residiam no exterior. Dentre eles, 700 mil na França e 115 mil na Alemanha (Maxwell, 2006).

Em termos de política externa, Portugal enfrentou um isolamento crescente, especialmente devido à sua insistência em manter suas colônias durante o período de descolonização global pós-Segunda Guerra Mundial. Os conflitos prolongados nas colônias africanas, como Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, agravaram os problemas econômicos internos e contribuíram para o descontentamento popular e o desmantelamento do regime após a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974.

O regime do Estado Novo contava com o apoio da classe dominante, essencial para a sua estabilidade e longevidade. Assim descreve o historiador Fernando Rosas (2018, p. 14): “Os lavradores abastados do Norte e do centro do país, os latifundiários dos campos do sul, a banca, os grandes comerciantes coloniais ou de import-export, os fulgurantes ‘capitães da indústria’ e os grupos económicos a que a fusão de uns e outros foi dando lugar, sabiam bem o que deviam ao Estado Novo”.

Os mais prejudicados foram os trabalhadores e os pequenos agricultores, confinados a uma vida de exploração sob um regime que exaltava a “ruralidade” e a “pobreza honrada”. A exploração dos pobres e do trabalho infantil durante o regime de Salazar é relatada, por exemplo, no livro *Levantado do chão*, publicado em 1979, onde José Saramago mostra as privações dos trabalhadores do sul de Portugal a partir da história da família Mau-tempo. O livro oferece, também, uma reflexão sobre a resistência daqueles que, por falta de recursos, tiveram que se submeter às imposições do regime, que privilegiou o latifúndio e impôs a pobreza para a maioria da população. Rosas (2018, p. 324) argumenta que o governo defendia um retorno a um estilo de vida rural, criticando as indústrias e o modelo de vida urbano, como parte do “mito da ruralidade”.

A lógica de superexploração do trabalho e da concentração de renda entre os mais ricos do país foi reforçada com a ideologia da família, tida como agente central na sociedade, repetindo a estratégia de regimes de extrema direita que ganharam força no início do século XX – e que infelizmente ressurgem com força em tempos atuais embalados pelo neoliberalismo. Anne Cova e António Costa Pinto (1997, p. 72) notam que, numa publicação do Secretariado Nacional de Propaganda, Economia Doméstica de 1945, “[...] estabelecia-se um paralelo entre a arte de gerir a casa e a de gerir o Estado”.

Além disso, a repressão era uma constante, com a censura prévia e a vigilância policial garantindo a supressão de dissidências. Rosas (2018, p. 354-355) observa a existência de “uma polícia que, independentemente dos paramentos jurídicos com que a foram disfarçando, dispôs em permanência da faculdade arbitrária de prender por tempo indeterminado, negar emprego ou fazer despedir quem pretendia [...]”.

Apesar da forte repressão, ocorreram significativas manifestações de resistência. Eloísa Aragão (2014) relata que Sophia Andresen participou ativamente do grupo dos Católicos Progressistas e apoiou a candidatura de Humberto Delgado contra Salazar em 1958. Ela se destacou como uma voz crítica, tanto através de sua poesia, quanto de sua atuação política, num período em que artistas e intelectuais enfrentavam censura e opressão. Em maio de 1965, a Sociedade Portuguesa de Escritores foi invadida pela PIDE por ter premiado o livro *Luuanda*, de José Luandino Vieira, então preso em Angola por supostos crimes contra Portugal.

Os artistas e intelectuais presos pela PIDE enfrentavam um ambiente sem proteção legal até dezembro de 1969, quando foi criada a Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos (CNSPP). Amparada pelo artigo 199 do Código Civil Português, a CNSPP buscava garantir proteção legal no país, defendendo aqueles considerados presos políticos. A poeta, uma das fundadoras, frequentemente levava à Assembleia da República documentos que exigiam respeito aos direitos humanos dos detidos, muitos dos quais haviam sofrido tortura ou estavam encarcerados há tempos prolongados (Aragão, 2014).

Além de sua atuação política, a obra de Sophia Andresen foi marcada pela crítica ao salazarismo, tema recorrente na literatura portuguesa da época. Conforme Natália Nahas (2015, p. 12), a poeta utilizava seus escritos para contestar a ditadura, aproximando-se de outros autores que buscavam romper com esse contexto opressivo. O período entre a publicação de *No Tempo Dividido* (1954) e *Mar Novo* (1958), sua obra e correspondências, como as trocadas com Jorge de Sena, revelava uma crescente militância política, em que expressava preocupação com os rumos de Portugal. A poeta não apenas lutou contra o regime ditatorial, como também deixou um legado duradouro como artista e figura política em Portugal. Sua poesia, transformada em canções por artistas contemporâneos, tornou-se um símbolo de resistência.

UM OLHAR ECOCRÍTICO

Na obra *O Livro Sexto* ([1962] 2014), há uma seção intitulada “As Grades”, composta por poemas que refletem o período do salazarismo. Para Sophia Breyner, sua poesia é construída a partir de suas próprias experiências e percepções do mundo, demonstrando a realidade por meio de sua arte. Ela argumenta que a poesia não segue um roteiro pré-determinado, mas contribui para a conscientização sobre liberdade e dignidade humana. Nesse contexto, a relação entre arte e poeta é essencial:

O artesanato das artes poéticas não nasce da própria poesia à qual está consubstancialmente unido. Se um poeta diz “obscuro”, “amplo”, “barco”, “pedra” é porque estas palavras nomeiam a sua visão do mundo, a sua ligação com as coisas. Não foram palavras escolhidas esteticamente pela sua beleza, foram escolhidas pela sua realidade, pela sua necessidade, pelo seu poder poético de estabelecer uma aliança (Andresen, 2018, p. 363).

Essa aliança estabelecida entre arte e realidade pode ser vista a seguir, em poema do *Livro Sexto* ([1962] 2014):

O velho abutre

O velho abutre é sábio e alisa as penas
A podridão lhe agrada e seus discursos
Têm o dom de tornar as almas mais pequenas
(Andresen, 2018, p. 194)

O eu-lírico descreve uma ave alisando suas penas, indicando um sentimento de superioridade. Esse sentimento é alimentado pela manipulação através de suas palavras e pela diminuição dos outros ao seu redor. Ao alisar suas penas, ele se engrandece ao fazer com que os outros pareçam insignificantes. A corrupção que o envolve pode ser vista como uma consequência de sua habilidade manipuladora. No poema, o “velho abutre” transcende sua identidade como ave e é interpretado como um indivíduo poderoso na sociedade humana, como o presidente do conselho de ministros portugueses António Salazar.

Apesar de ser uma ave, a natureza predatória do abutre é enfatizada pela referência ao seu apetite por carniça, associando-o a seres bestiais que simbolizam a morte. No entanto, o abutre mantém uma posição de superioridade sobre os outros, mesmo que de forma enganosa, ao custo da diminuição dos demais.

O poema “O velho abutre” pode ser analisado à luz do conceito de “ecosofia” desenvolvido por Félix Guattari (2012). Deve-se entender aqui o abutre como metáfora e não como o animal – este sim responsável por harmonizar as relações do ecossistema por consumir os corpos decompostos de outros animais. No entanto, numa leitura a partir da metáfora sugerida pelo poema, o abutre é representado como uma força perturbadora que ultrapassa o ambiente natural, atingindo também a ordem social e a subjetividade humana. No texto, o abutre não é apenas uma ave, mas uma metáfora potente do poder opressor e manipulador, seja ele exercido por sistemas autoritários ou por indivíduos que controlam e dominam os outros. Sua figura simboliza a ausência de equilíbrio e harmonia nas relações humanas e ambientais, expondo os desequilíbrios estruturais que Guattari (2012) identifica como problemas centrais da subjetividade contemporânea.

Guattari (2012), em sua teoria da ecosofia, propõe uma abordagem integradora que busca alinhar os aspectos ambiental, social e subjetivo da existência, reconhecendo que desequilíbrios em qualquer um desses níveis levam a conflitos, opressões e disfunções. O abutre, ao exercer controle sobre outros seres e desestabilizar suas subjetividades, exemplifica precisamente essa ruptura de harmonia, refletindo a necessidade urgente de uma abordagem ecosófica para promover justiça e bem-estar. Nesse sentido, “O velho abutre” transcende uma crítica específica e se alinha a um projeto mais amplo de Sophia de Mello Breyner Andresen, que, em diversos poemas, também explora a busca por justiça e denuncia sistemas de controle e opressão, evidenciando sua preocupação com o equilíbrio ético e existencial.

Outro poema da autora que busca pela justiça ao mostrar um tempo de controle é:

Data

(à maneira d'Eustache Deschamps)

Tempo de solidão e de incerteza

Tempo de medo e de traição

Tempo de injustiça e de vileza

Tempo de negação

Tempo de covardia e tempo de ira

Tempo de mascarada e de mentira

Tempo que mata quem o denuncia

Tempo de escravidão

Tempo dos coniventes sem cadastro

Tempo de silêncio e de mordida

Tempo onde o sangue não tem rastro

Tempo de ameaça

(Andresen, 2018, p. 190)

O poema "Data" utiliza a repetição anafórica da palavra "tempo" para enfatizar a opressão e a violência de uma era histórica não especificada, mas profundamente marcada por mentiras, traições e injustiças. Essa estrutura poética ressalta a atmosfera sufocante vivida pelo eu-lírico, em que o medo, o isolamento e a repressão moldam as relações humanas. O verso "Tempo onde o sangue não tem rastro" simboliza a brutalidade invisível de um sistema que silencia as vozes dissidentes, enquanto "Tempo de ameaça" aponta para o constante estado de vigilância e insegurança. Nesse cenário, a liberdade é suprimida, a subjetividade é esmagada, e os indivíduos são reduzidos a um estado de submissão, ilustrando um desequilíbrio não apenas social, mas também existencial.

A análise do poema sob a perspectiva da ecosofia de Félix Guattari (2012) amplia essa interpretação ao conectar o desajuste da sociedade com a crise ecológica em sua dimensão mais ampla. Para o teórico, a crise ecológica não se restringe ao meio ambiente natural, mas inclui os ecossistemas sociais e subjetivos, que estão interligados. Em "Data", a sociedade retratada encontra-se em profundo desequilíbrio, pois a opressão e o silenciamento corroem a dimensão social e subjetiva da existência humana. A ausência de liberdade e o medo instaurado comprometem a possibilidade de desenvolvimento individual e coletivo, criando um ambiente em que a opressão é sistemática e o ciclo de violência é perpetuado.

Guattari (2012) argumenta que enfrentar essas crises exige uma revolução ética e cultural que reconfigure as relações humanas em harmonia com o ambiente e a subjetividade. No poema, a repetição constante da palavra "tempo" denuncia a estagnação de uma sociedade que precisa urgentemente romper com essas condições opressivas. A metáfora do "tempo" ganha, assim, uma dimensão ecosófica: não apenas denuncia o presente sombrio, mas também propõe, implicitamente, a necessidade de mudança e de busca por equilíbrio. Sophia Breyner, como em outros poemas, utiliza sua poesia como veículo para questionar a injustiça e destacar a urgência de restaurar a harmonia social e subjetiva, elementos centrais para uma leitura ecosófica da obra.

Para Elzimar Ribeiro (2013, p. 171), a poeta elabora estratégias que ampliam as possibilidades de leitura do texto poético para além de seu contexto imediato de produção. Isso é evidenciado quando ela evoca, na epígrafe, o poeta medieval francês Eustache Deschamps, conhecido por sua propensão moralista e profética, que condenou veementemente a miséria do povo e os desmandos dos poderosos de seu tempo. Desta forma, a luta pela justiça transcende o momento específico da ditadura salazarista, conectando-se às vozes insurgentes de outras gerações insatisfeitas com a imperfeição da sociedade humana. A possibilidade de o eu-lírico ser Eustache Deschamps e fazer uma premonição do que será vivido, ou de invocar o poeta medieval para alertar as pessoas, representa uma maneira de conscientizar sobre a realidade vivida.

A descrição desse período remete à onipresença da repressão policial e política, à censura e à violação dos direitos dos cidadãos em Portugal durante o Estado Novo. Um dos objetivos do governo era transformar o cidadão português em um “homem novo” (Rosas, 2018, p. 318) por meio de um projeto ideológico que impunha um novo estilo de vida à comunidade portuguesa, através de intervenções autoritárias do Estado. Nesse contexto, o Estado moldou a sociedade em todos os aspectos sociais, incluindo escola, religião, leis e costumes. Acreditava-se numa certa ideia mítica de nação e interesse nacional, como expresso por Salazar, que buscava “resgatar as almas” dos portugueses e educá-los politicamente, dentro de uma rigidez ideológica e política (Rosas, 2018, p. 320).

Essas características assemelham-se aos outros regimes totalitários vividos em outros países europeus no século XX. Um dos principais métodos de influência sobre a população era a propaganda, especialmente agressiva nas décadas de 1930 e 1940, baseada em uma ideologia purista e autolegitimadora. Essas ideias e comportamentos contribuíram para a manutenção do poder de Salazar, além de construir outras ideologias acerca do Estado Novo, como a visão dele como um recomeço para Portugal após períodos anteriores. Ideias como “o mito palingénético” e “o mito da essência ontológica do regime” contribuíram para a consolidação do novo nacionalismo (Rosas, 2018).

O slogan da campanha do Estado Novo, “Tudo pela Nação, nada contra a Nação” (Rosas, 2018, p. 323), demonstra a força e a durabilidade da campanha de Salazar, que parecia um movimento circular infinito, marcado por sangue, sofrimento e tristeza, como expresso no poema seguinte:

Círculo

Num círculo se move
Num círculo fechado

Sua morte o envolve
Como uma borboleta

Seus verdugos o cercam
Como quem cerca o toiro

Em sua volta não vê
Nenhuma porta aberta

Grandes panos de sangue
Sobre os olhos estendem

A sua hora estava

- Como se diz - marcada

Pegador não houve nem pegadas de caras

E as portas estavam
Sobre o grito fechadas
(Andresen, [1962] 2014, p. 85)

O título do poema sugere um sentido de infinitude, uma repetição constante, ou talvez o eu-lírico perceba-se preso em uma situação sem escape, refletindo a natureza do círculo como uma figura geométrica plana onde a distância de todos os pontos ao centro é sempre a mesma. Isso se relaciona à sensação de estagnação temporal ou à persistência interminável da dor, como expresso nos versos: "Num círculo se move/ Num círculo fechado". A imagem do círculo fechado ressalta a sensação de aprisionamento para aqueles que são submetidos a torturas.

Na estrofe "Sua morte o envolve/ Como uma borboleta", a pessoa responsável por sufocar as vítimas com ameaças e torturas é comparada a uma borboleta, uma criatura que voa, evocando uma sensação de superioridade, similar à figura do "velho abutre". Aqui, o círculo fechado do início do poema se transforma metaforicamente em asas envolventes de uma borboleta, sugerindo a falta de opções para a vítima escapar.

A opressão persiste nos versos: "Seus verdugos o cercam / Com quem cerca o toiro", ilustrando como aqueles que estão sob controle são gradualmente consumidos quando sua liberdade é retirada, assim como um touro cercado por seus perseguidores. O pronome "seu" pode referir-se não ao touro, mas àquele que ordenou a tortura. Eventualmente, a morte chega inevitavelmente, como indicado por: "A sua hora estava/ - Como se diz - marcada", tudo realizado em segredo para ocultar a verdade daqueles ao redor, como evidenciado por: "Pegador não houve nem pegadas de cara/ E as portas estavam/ Sobre o grito fechadas".

No poema "Cidade", o eu lírico retrata-se como sendo atormentado por metáforas que variam de um velho abutre a asas de borboleta e, agora, a tentáculos de um grande polvo:

Cidade

As ameaças quase visíveis surgem
Nascem
Do exausto horizonte mortas luas
E estrangulada sou por grandes polvos
Na tristeza das ruas
(Andresen, [1962] 2014, p. 70)

Assim como no poema “Círculo”, aqui o eu-lírico se sente encurralado e sufocado pelos tentáculos desses grandes polvos: “Do exausto horizonte mortas luas/ E estrangulada sou por grandes polvos”. Esses tentáculos podem ser entendidos como as ameaças representadas pelos polvos: “As ameaças quase visíveis surgem/ Nascem”. Os verbos “nascer” e “surgir” sugerem que essas ameaças podem ser repentinas, deixando o eu-lírico sentindo-se encurralado, ou podem ser percebidas como um processo gradual, assim como o nascimento, prolongadas no tempo.

Pagoto (2018, p. 134) reforça a interpretação, sugerindo que os tentáculos do polvo podem simbolizar a vigilância rigorosa da Polícia Política Portuguesa. Isso reflete uma opressão e um medo que se manifestam na figura perigosa e envolvente do polvo. A descrição do horizonte como “exausto” sugere a falta de perspectiva para o futuro; enquanto as ruas tristes e as luas “mortas” refletem esse clima sombrio e opressivo.

Os poemas de Sophia de Mello que mencionamos anteriormente retratam um desequilíbrio na sociedade, em um cenário que evoca a ecologia social. Neles, um pequeno grupo de indivíduos usa seu poder de forma inadequada, causando medo e melancolia na outra parte da sociedade, além de restringir sua liberdade. Leonardo Boff (2015), ao discutir as estruturas sociais através das perspectivas do capitalismo, aponta que este pode ser autoritário e ditatorial, resultando em um desequilíbrio na ecologia. Seguindo essa linha de pensamento, a ditadura salazarista pode ser interpretada na poesia da escritora como uma força que perturba esse equilíbrio ecológico.

Para lidar com sociedades marcadas por esse desequilíbrio, Hermán Santiago Leis (1991 apud Boff, 2015, p. 23) propõe algumas terapias ecológicas. Uma delas é a ecopolítica, que busca desenvolver estratégias de desenvolvimento sustentável que assegurem o equilíbrio dos ecossistemas, incluindo o sistema de trabalho, enquanto promove um sentido de solidariedade em relação às gerações futuras. Elas reivindicam o direito a uma sociedade caracterizada pela equidade, justiça, participação e um ambiente saudável.

A justiça política está intrinsecamente ligada à justiça social, conhecida, segundo Boff (2015), como ecologia humana e social. A ecologia oferece à sociedade, na qual personagens como o eu-lírico habitam, a oportunidade de alcançar igualdade, liberdade e uma vida digna, algo que muitas vezes não é possível sob governos como o retratado nos poemas.

Os poemas de Sophia Andresen revelam uma perspectiva da cidade que pode ser interpretada através dos olhos de um eu-lírico que viveu durante o Estado Novo em Portugal, um período marcado pela tentativa de transformar o cidadão português em um “homem novo” através de um projeto ideológico imposto pelo Estado, que buscava redefinir e impor um novo estilo de vida à comunidade portuguesa através de intervenções autoritárias (Rosas, 2018, p. 318).

Nesse contexto, o Estado exerceu influência sobre todos os aspectos da sociedade, incluindo educação, religião, legislação e costumes. Os líderes desse projeto, especialmente Salazar, acreditavam em uma concepção mítica de nação e interesse nacional. Eles supostamente buscavam “resgatar as almas” dos portugueses, integrando-os sob a orientação unívoca de órgãos estatais com orientação ideológica, “educando” politicamente o povo dentro de um contexto de rigorosa uniformidade ideológica e política, conforme definido e aplicado pelos aparatos de propaganda do regime, de acordo com os ideais da “revolução nacional” (Rosas, 2018, p. 320).

Nesse ambiente de repressão e desequilíbrio na ecologia social, o eu-lírico percebe sussurros que podem ser interpretados como gritos de socorro: “resto de vozes e ruídos”. A cidade é um tema recorrente na obra de Sophia de Mello Breyner, onde se observa uma relação complexa entre o ser humano e o ambiente urbano. Em alguns de seus poemas, o eu-lírico retrata a cidade como um lugar de melancolia, onde a liberdade é ausente, como evidenciado no trecho a seguir:

Cidade suja, restos de vozes e ruídos,
Ruas triste à luz do candeeiro
Que nem a própria noite resgatou.
(Andresen, [1944] 2003, p. 24)

No poema, o eu-lírico expressa estar imerso em uma cidade suja e triste, sugerindo um estado melancólico decorrente de sua relação com esse ambiente urbano. As vozes e ruídos ecoando podem ser interpretados como vestígios de algo que já existiu. O poema evoca um sentimento de melancolia associado à cidade. Além disso, Oliveira (2012, p. 104) argumenta que na obra da autora portuguesa a cidade singular é retratada como um espaço onde prevalecem ações dissimuladas, uniformidade e artificialidade comportamental, bem como o domínio do poder socioeconômico e político, perturbações que persistem mesmo durante a noite, vista como um símbolo de libertação nessa poesia.

Isso sugere que a cidade construída pelos seres humanos é um ambiente marcado por corrupção, preconceito, poluição e sistemas que geram desigualdades sociais e baixa qualidade de vida para seus habitantes, seja devido à sua sujeira ou ao estado de tristeza dos moradores, que cada vez mais são silenciados. Portanto, ainda há resquícios de vozes e ruídos nessa cidade.

Essa visão se relaciona com a ecologia mental e social proposta por Guattari (2012), pois o eu-lírico, ao revelar seu desconforto no contexto descrito no poema, faz referência à ecologia mental, que abrange não apenas a psique, mas também o espírito. A cidade retratada causa um

desequilíbrio no eu-lírico, onde a única luz é a do lampião nas “Ruas tristes à luz do candeeiro”, representando a única esperança em meio à escuridão.

Em relação à ecologia social, ela busca reconstruir as modalidades de ser em grupo, o que não é alcançado no poema, pois a cidade está silenciada, com apenas resquícios de vozes e ruídos. A temática da cidade na obra de Sophia Breyner, especialmente no poema “Cidade”, é então analisada sob a perspectiva ecológica, destacando o predomínio da evolução técnico-científica, que gera desequilíbrios ecológicos ameaçadores para a vida.

Cidade

Cidade, rumor e vaivém sem palavras nas ruas,
ó vida suja, hostil, inutilmente gasta,
saber que existe o mar e as praias nuas,
montanhas sem nome e planície mais vastas
que o mais vasto desejo,
e eu estou em ti fechada e apenas vejo
os muros e as paredes, e não vejo
nem o crescer do mar, nem o mudar das luas

Saber que tomas em ti a minha vida
E que arrastas pelas sombras das paredes
A minha alma que fora prometida
Às ondas brancas e às florestas verdes
(Andresen, [1944] 2018, p. 51)

O poema “Cidade” apresenta uma crítica à vida urbana, retratando-a como um espaço de alienação, melancolia e desconexão com a natureza. O eu-lírico expressa sua angústia diante do concreto e da falta de liberdade, descrevendo a cidade como um lugar hostil e opressor, onde a vida se torna “inutilmente gasta”. Esse ambiente urbano é retratado como uma metáfora do Antropoceno, uma era que, segundo Leonardo Boff (2015), é caracterizada pela ação humana, principalmente por meio da industrialização e das práticas capitalistas, gera desequilíbrios ecológicos que afetam tanto o ambiente natural quanto as subjetividades humanas. O teórico argumenta que a crise ecológica é inseparável das crises sociais e espirituais, pois a exploração da natureza e a destruição de suas formas de vida não apenas danificam o meio ambiente, mas também desestabilizam as relações humanas, tornando as sociedades cada vez mais despersonalizadas e alienadas.

No poema de Sophia Andresen, a cidade se apresenta como um reflexo dessa dinâmica de exploração e destruição. A ausência de natureza e a predominância do concreto, como indicado pelos versos “eu estou em ti fechado e apenas vejo / os muros e as paredes”, revelam a desconexão do eu-lírico com o mundo natural. Essa desconexão é, em parte, uma consequência

do modelo de desenvolvimento capitalista que, ao desconsiderar a harmonia ecológica, promove uma visão antropocêntrica da natureza, ou seja, uma visão onde o ser humano é colocado no centro, dominando e explorando os recursos naturais. Nesse sentido, o poema de Sophia Andresen pode ser lido como uma crítica a esse modelo de vida, onde a busca pelo progresso tecnológico e econômico resulta em um ambiente que sufoca e aliena o ser humano.

Porém, a natureza não está ausente do poema. Ao contrário, ela se apresenta como uma força que salva o eu-lírico do estado de desesperança e sufocamento proporcionado pela cidade. O desejo do eu-lírico de retornar à natureza – representada pelo mar, pelas florestas e pelas praias – é explícito nos versos “a minha alma que fora prometida / às ondas brancas e às florestas verdes”. A natureza, nesse contexto, não é apenas um refúgio físico, mas também emocional e espiritual, funcionando como um contraponto à vida urbana desumanizada.

A análise das ideias de Boff (2015) enriquece essa leitura ao destacar que a crise ecológica não é apenas ambiental, mas também social e subjetiva. O desequilíbrio causado pela exploração indiscriminada da natureza impacta diretamente as relações humanas e as formas de subjetividade, gerando uma sociedade alienada e desconectada de sua própria essência. Para o autor, é necessário desenvolver uma ecologia social que promova novas formas de convivência coletiva e de relação com a natureza, buscando um equilíbrio entre os seres humanos e o ambiente em que vivem. O poema de Sophia de Mello, ao retratar a cidade como um espaço de opressão e alienação, e a natureza como um espaço de liberdade e redenção, reflete, assim, as preocupações de Boff (2015) com a necessidade de restaurar o equilíbrio ecológico e subjetivo, propondo uma visão de mundo mais integrada e harmoniosa.

Nesse sentido, o poema não só denuncia os efeitos negativos do progresso desenfreado, como também sugere uma alternativa: a busca pela reconexão com a natureza e a reconquista de uma subjetividade mais plena e autêntica. A cidade, com seu concreto e seus muros, representa o desfecho de uma história em que o ser humano se afastou de seu lugar de pertencimento no mundo natural, enquanto a natureza aparece como a possibilidade de resgatar um equilíbrio perdido, tanto no nível social quanto no subjetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos poemas selecionados para análise, o eu-lírico dos poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen retrata ambientes de hostilidade, melancolia e opressão, que podem ser contextualizados como reflexos do período salazarista em Portugal. Essa leitura ganha uma profundidade significativa quando abordada sob a perspectiva da ecocrítica, que se fundamenta na interseção entre literatura, ecologia e história. Nesse contexto, a ecocrítica não se limita a uma

mera análise ambiental, mas expande sua abordagem para incluir os diversos ambientes em que as relações humanas e sociais se desdobram – como as cidades, as florestas, os animais e as plantas – todos afetados por forças políticas, sociais e econômicas.

A crítica de Guattari (2012) à crise ecológica e sua proposta de uma “ecosofia” que integra os aspectos sociais, ambientais e subjetivos da existência humana se encaixam perfeitamente na análise dos poemas de Sophia. Para Guattari (2012), o desequilíbrio ecológico é, na verdade, uma manifestação de desequilíbrios mais amplos, como a opressão social e a fragmentação subjetiva, que surgem em sociedades marcadas por regimes autoritários e opressivos. No caso do salazarismo, o autoritarismo político exacerba as condições de alienação e repressão, elementos amplamente explorados pela autora em suas obras. O desequilíbrio que Sophia Breyner descreve em seus poemas não é apenas externo – no ambiente ou na sociedade – mas também interior, refletindo as consequências de uma repressão que atinge tanto o corpo quanto a alma dos indivíduos.

Leonardo Boff (2015), por sua vez, fala sobre a necessidade de uma ecologia social, que resgate a harmonia entre os seres humanos e o mundo natural. Essa perspectiva se alinha com os desejos expressos nos poemas de Sophia, onde o eu-lírico anseia por uma reconexão com a natureza, como um antídoto para a vida opressiva da cidade. O modelo de desenvolvimento antropocêntrico, que explora a natureza em detrimento das relações sociais e espirituais, é também criticado por Leonardo Boff (2015), que propõe uma revolução cultural e política para restaurar o equilíbrio entre os diferentes domínios da vida. A poeta, ao denunciar os efeitos devastadores de um regime autoritário, parece nos convidar a refletir não só sobre a política e a sociedade de sua época, mas também sobre as formas de viver que nos desumanizam e nos afastam da natureza.

A importância da ecocrítica na interpretação desses poemas é, portanto, fundamental, pois ela amplia o alcance da análise literária, conectando questões ambientais com problemáticas sociais, políticas e subjetivas. Nos poemas da poeta, a busca pela verdade e pela justiça se articula com uma crítica ao regime salazarista e a uma visão de mundo que coloca em risco a dignidade humana, a liberdade e o equilíbrio ecológico. A arte se apresenta como um meio de conscientização, que permite ao leitor refletir não apenas sobre as estruturas de poder opressivas, mas também sobre os efeitos dessas estruturas sobre a vida e o ambiente.

Por fim, é relevante destacar o engajamento político e ativista de Sophia de Mello Breyner Andresen, conforme apontado por Eloísa Aragão (2014), que, além de sua obra literária, se dedicou à defesa da liberdade e dos direitos dos artistas em um contexto de repressão política. Seu posicionamento contra o salazarismo e sua constante busca por justiça e liberdade demonstram que sua arte foi uma ferramenta de resistência e de luta, mantendo-se politicamente engajada e sensível às questões sociais e ecológicas de seu tempo. Em suas palavras e silêncios,

Sophia Andresen continua a nos convidar a refletir sobre as consequências de um mundo desequilibrado, propondo, por meio de sua obra, um retorno a uma ética de justiça, harmonia e respeito à vida em todas as suas formas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Conceição Granado de. Transladação da poetisa feita 10 anos após o seu desaparecimento: Honras de Panteão Nacional para Sophia de Mello Breyner Andresen. *O emigrante - Mundo português*, Lisboa, edição 1763, p. 2 - 4, 2014.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Poesia*. 4. ed. Lisboa: Caminho, [1944] 2003.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Livro sexto*. 9. ed. Porto: Porto Editora, [1962] 2014.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Coral e outros poemas*. Seleção e apresentação Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: Grito da Terra, grito dos pobres - dignidade e direitos da Mãe Terra*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

ARAGÃO, Eloísa da Silva. Sophia de Mello Breyner Andresen: vida militante. In: ANPUH-SP. XXI Encontro estadual de história - UNISANTOS, 2014, Santos. *Anais...Santos*: UNISANTOS, 2014. Disponível em: <http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/site/anaiscomplementares#S>. Acesso em: 10 de out. 2018.

CANTARIN, Márcio Matiassi. *Por uma nova arrumação do mundo: a obra de Mia Couto em seus pressupostos ecosóficos*. 2011. 212 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

COVA, Anne e COSTA PINTO, Antònio. O salazarismo e as mulheres: uma abordagem comparativa. *Penélope: Gênero, discurso e guerra*, v.17, p. 71-94, 1997.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.

GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold. *The Ecocriticism Reader*. Georgia: University of Georgia Press Athens, 1996.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. 4. ed. Campinas: Papirus, 1993.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. 21. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LIMA, Engily Jurema Silva Cardoso; CAMARGO, Luiz Rogério. A resistência à ditadura nos poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen. *Caderno PAIC*, v. 2, n. 1, p. 455-468, 2020. Disponível em: <https://cadernopaic.fae.edu/cadernopaic/article/view/412>. Acesso em: 10 de dezembro de 2023.

MAXWELL, Kenneth. *O império derrotado: revolução e democracia em Portugal*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NAHAS, Nathália Macri. *Grades: uma leitura do projeto po-ético de Sophia de Mello Breyner Andresen*, 2015. 164f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

OLIVEIRA, Rita Barbosa. *Poema de mil faces transbordantes*. Manaus: Travessia, 2012.

PAGOTO, Cristian. *O imaginário noturno e solar na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen*. 2018. 218 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

RIBEIRO, Elzimar Fernanda Nunes. Combate contra o abutre: imaginário e resistência em Sophia de Mello Andresen. *Cerrados*, Brasília, v. 20, n. 32, p. 165-181, 2013.

ROSAS, Fernando. *Salazar e o poder: A arte de Saber Durar*. Lisboa: Editora Tinta da China, 2018.

AUTORIA

Marta Botelho Lira é bolsista Capes, doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem e Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), graduada pelo Curso de Letras - Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura de Língua Portuguesa (GEPELIP), membro Grupo de Estudos sobre Literatura no Amazonas (GELITs), também faz parte do Grupo de Estudos Ecocríticos (GECO). Atuou na área da Educação para o Trânsito no Instituto Municipal de Mobilidade Urbana (IMMU-Manaus). Fez parte da equipe de editoração da EDUTFPR.

Marcelo Fernando de Lima é graduado em Jornalismo (1992, PUC-PR), mestre (1998) e doutor (2010) em Letras (UFPR), professor-associado da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Campus Curitiba, atuando no Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação (DALIC), nas graduações de Letras e de Comunicação Organizacional, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL). É titular do Conselho Editorial da Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (EDUTFPR) na área de Ciências Humanas, é membro titular da Câmara de Ciências Sociais Aplicadas, Saúde, Linguagem e Artes COGEP-SAL da UTFPR. Trabalhou por uma década como repórter e assessor de comunicação. Atua como colaborador voluntário do jornal Plural Curitiba.